

## **ELOGIO AO PATRONO JOÃO SIMÕES LOPES NETO PROFERIDO POR NILO BAIROS DE BRUM POR OCASIÃO DE SUA POSSE NA ACADEMIA SOROCABANA DE LETRAS**

Excelentíssimo senhor, Presidente da Academia Sorocabana de Letras, advogado, historiador, jornalista e conferencista, Dr. GERALDO BONADIO;

Ilustríssimos membros efetivos da A.S.L., a quem peço vênias para chamá-los, desde agora, queridos confrades.

Preciso registrar aqui a imensa honra de ser recebido aqui nesta prestigiosa academia, em evento que não foi antecipado nem nos meus melhores sonhos. Nunca acreditei em destino ou qualquer nome que se dê ao determinismo. Sempre entendi a vida como uma sequência de acontecimentos aleatórios sem outro sentido senão aquele que lhes atribuímos. No entanto, meu elo com Sorocaba parece obedecer a um desígnio determinado. Desde o dia em que inseri o nome de Sorocaba em uma letra de música (Caminho do Caapi), um tipo de magnetismo foi ligado, atraindo-me cada vez mais a esta cidade. Apaixonei-me pelo tema do tropeirismo, o que me levou a escrever outra letra de música desta vez intitulada “Tropeiros”. Daí, ao livro intitulado “Caminhos do Sul” foram quatro anos de viagens e pesquisas. Produzi depois as “Cartilhas do Tropeirismo” visando chegar às escolas situadas no que gosto de chamar “corredor cultural do tropeirismo”. O evento de hoje constitui o reconhecimento de todo esse trabalho. Valeu a pena.

Passemos ao elogio ao patrono da cadeira nº 27, JOÃO SIMÕES LOPES NETO e, aqui, outra suspeita de que, neste caso, existe um viés determinista a guiar os fatos. Tive a influência de diversos autores entre os quais figuram Machado de Assis e Ramiro Barcellos. A aquele devo uma certa ironia e a este o gosto pela redondilha maior. Ao autor pelotense, no entanto, devo quase tudo, desde o interesse pela história da nossa formação, até a paixão pelos linguajares regionais. Degustei todos os livros de Simões. Cheguei a compor uma letra de música intitulada “Cabiúna”, baseada no conto “O Boi Velho”, no qual Simões destila sua fina sensibilidade.

João Simões Lopes Neto nasceu em 1865, na Estância da Graça, em Pelotas – RS, no seio de uma família abastada. Pelotas de então era muito parecida com a Sorocaba da mesma época. Ambas eram polos econômicos hegemônicos em seus respectivos estados. Sorocaba era a Capital do Tropeirismo, onde se realizavam as grandes feiras de muaras, enquanto Pelotas era a Capital do Charque, onde se concentravam dezenas de grandes charqueadas. Ambas fervilhavam como centros financeiros e culturais. Aqui mandava a elite Biriva e lá os barões do charque. Aos 13 anos Simões foi mandado ao Rio de Janeiro para estudar. Após alguns anos de estudo, foi acometido por uma enfermidade que o obrigou a voltar à terra natal. Começou a escrever em 1888, nos jornais “A Pátria” e “Diário Popular”.

Em 1893, sobreveio a sangrenta Revolução Federalista que foi um confronto entre a decadente oligarquia do charque contra a emergente elite serrano-missionária que costumava simplificar de forma provocadora como a primeira guerra entre gaúchos e “paulistas” (a segunda foi em 1932). João Simões estava lá como integrante do 3º

Batalhão da Guarda Nacional. Terminada a revolução, nosso homenageado embrenha-se por uma série de empreendimentos desastrados, demonstrando que era um visionário com muita imaginação e pouca sorte. Entre seus empreendimentos fracassados constam uma torrefação e moagem de café, uma fábrica de vidro, uma destilaria, uma fábrica de cigarros e uma mineradora de prata na serra do Taió, em Santa Catarina. Esta exauriu o que restava dos recursos da família e aquela, além do estrondoso fracasso financeiro, atraiu a antipatia da igreja graças ao nome da marca dos cigarros: DIABO. Até hoje, no Rio Grande do Sul, quando se quer depreciar um produto, se diz: “Bah, isso aí é marca diabo.”

Empobrecido, volta-se para o jornalismo, o ensino e a literatura. No jornalismo dessa fase, militou no “Correio Mercantil” e na “Opinião Pública”. Como dramaturgo, escreveu e montou as peças intituladas “O Boato”, “os Bacharéis”, “Mixórdia”, “Viúva Pitorra” e outras. Seus livros publicados foram:

CANCIONEIRO GUASCA, publicado a primeira vez em 1910, é composto por uma coletânea de poesias recolhidas do folclore sulino, cuja temática é o amor, a coragem, os ciúmes, os encontros e desencontros, tudo sob a ótica do gaúcho do início do Século XX e impregnada de certa brisa açoriana.

CONTOS GAUCHESCOS, publicado em 1912, é uma coleção de dezenove contos, ambientados no pampa gaúcho e contadas por seu personagem principal, Blau Nunes, um velho vaqueano que narra suas aventuras extraordinárias.

LENDAS DO SUL, publicado em 1913, é composto por dezessete lendas recolhidas e enriquecidas por J.S.L.N., entre as quais “A Salamanca do Jarau”, “Mboitatá”, “Negrinho do Pastoreio”, “O Lunar de Sepé” e outras.

CASOS DO ROMUALDO, publicado em 1914, consta de vinte e um casos com histórias fantásticas e hilariantes sobre viagens, caçadas e outras aventuras, tudo sob uma ótica galponeira, de charlas ao pé do fogo, narradas por seu principal personagem. Dizem que o mentiroso Romualdo realmente existiu, mas foi a pena magistral de JSLN que emprestou graça e magia aos casos, “pois quem conta um conto, aumenta um ponto.”

JOÃO SIMÕES LOPES NETO é, sem dúvida, o maior autor regionalista gaúcho, mas sua obra ultrapassa o regionalismo, não apenas pela diversidade temática, mas também pelo estilo livre e inovador, antecipando algumas tendências do modernismo que viria depois.